

1 **A LITERATURA ENTRE FRONTEIRAS:**
2 **UM ESTUDO PELA PERSPECTIVA SEMIÓTICA DE GREIMAS**

3 *Ricardo Santos David* (FCU – Uniatlântico)

4 ricardosdavid@hotmail.com

5
6 **RESUMO**

7 Partimos da ideia de que a semiótica greimasiana ajuda o leitor a entender o uni-
8 verso narrativo, neste artigo pretendemos fazer uma breve análise, visando a depre-
9 ender o processo de valorização criativa, temática e figurativa na construção de narra-
10 tivas literárias produzidas em zona fronteiriça por literatas de uma poética aqui no-
11 menclaturada de literatura fronteiriça. Integram nesse estudo algumas propostas lite-
12 rárias que se desenvolvem tanto na fronteira brasileira, como na fronteira boliviana.
13 A análise tem como base a semiótica francesa de Algirdas Julien Greimas. Focalizam-
14 se, portanto as obras da fronteira, América Latina; Brasil-Bolívia, com um olhar so-
15 bre o ficcional fronteiriço como instrumento facilitador do entendimento desta litera-
16 tura de fronteira e suas conexões significativas.

17 **Palavras-chave:**

18 **Semiótica francesa. Literatura de fronteira. Identidade. América Latina.**

19
20 **1. Introdução**

21 Preliminarmente, vale destacar a importância do tema pesquisado.
22 Faz-se necessário esclarecer que a integração política, econômica e cultu-
23 ral entre países latino-americanos sempre despertou interesse, além de
24 ser meta nas relações internacionais. Entretanto, ao que se refere ao estu-
25 do de interfluxos da produção literária fronteiriça, de modo geral, parece-
26 nos, ainda, muito tímido.

27 Comumente, assistimos a discussões em torno da literatura, de
28 forma generalizada, mas ao que se refere à literatura fronteiriça, pouco se
29 tem abordado, considerando que, nos estudos contemporâneos, as rela-
30 ções entre o saber literário e os outros saberes são particularmente com-
31 plexas e vão requerer do crítico certos entendimentos geopolíticos que
32 permitam estabelecer aberturas interpretativas para, o que, aqui, de ante-
33 mão, definiremos como uma “primeira aproximação”.

34 Esta “primeira aproximação” com o texto fronteiriço, geralmente,
35 não costuma ser tarefa simples, pois, requer, inicialmente, um conheci-
36 mento considerável sobre a região. Em segundo lugar, um aprofunda-
37 mento no discurso histórico, considerando que a memória da humanida-

1 de, a origem e evolução da sociedade, seu auge e decadência, os feitos e
2 a trajetória de personagens ilustres, os antecedentes, e até situações con-
3 temporâneas do homem são temas históricos, parte fundamental da cultu-
4 ra individual e coletiva, que são conservados nos arquivos da história
5 desta fronteira.

6 Entende-se, ainda, que, em cada período literário, são atribuídas à
7 literatura de fronteira funções distintas, condizentes com a realidade cul-
8 tural e, portanto, social, da época. Assim, a linguagem literária fronteiriça
9 assume aspectos de representação e demonstração identitárias, ou seja,
10 reflete uma identidade nacional, evolui proporcionalmente, ganha diver-
11 sas “roupagens”. Nessa perspectiva, vê-se, então, que o sistema literário
12 fronteiriço se organiza em torno da problemática da identidade nacional,
13 fortalecida na ideia de “pertencimento” a uma nação. Essa função é que
14 possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade que o norteia.

15 Em terceiro lugar, sabe-se que a literatura fronteiriça, assim como
16 a literatura de forma geral, está ligada à demonstração do real, assumindo
17 funções enquanto fruidora da arte narrativa. Antonio Candido (1972), em
18 *A Literatura e a Formação do Homem*, identifica três funções exercidas
19 pela literatura, as quais são denominadas de humanizadoras: a psicológi-
20 ca, a formadora e a social. Esta primeira função tem ligação estrita com a
21 capacidade e necessidade que o indivíduo tem de fantasiar através dos
22 devaneios.

23 Conforme Antonio Candido, as fantasias expressas pela literatura,
24 no entanto, têm sempre sua base na realidade, nunca são puras e, é jus-
25 tamente, através dessa ligação com o real, que a literatura passa a exercer
26 sua segunda função: a formadora. Entretanto, para Antonio Candido, “a
27 literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial”, “ela age
28 com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela”
29 (CANDIDO, 1972, p. 805). Assim, a literatura atua como instrumento de
30 formação do homem, exprimindo realidades que a ideologia dominante
31 tenta, por vezes, esconder.

32 Para Antonio Candido, a literatura não corrompe nem edifica,
33 mas, humaniza em sentido profundo, por que faz viver (op. cit., p. 806).
34 Desta forma, identifica-se a terceira função da literatura que diz respeito
35 à identificação do leitor e de seu universo vivencial representados na
36 obra literária: a função social.

37 Essa última função possibilita ao indivíduo, segundo Antonio
38 Candido, o reconhecimento da realidade que o cerca quando transposta

1 para o mundo ficcional. Contudo, pode, por vezes, causar uma falsa im-
2 pressão, construindo um reconhecimento errôneo, na visão do leitor,
3 quando este não reconhece a realidade e não participa diretamente dela.
4 Dessa maneira, o leitor que não participa da realidade fronteiriça, nem
5 reconhece a história em que a personagem está inserida, e atua, apenas,
6 como observador, reconhece somente a realidade de seu próprio mundo
7 como verdade absoluta, não interpretando adequadamente o produto fic-
8 cional. Desta forma, essa função pode causar a integração do leitor ao
9 universo vivencial das personagens fronteiriças retratadas, quando ex-
10 pressa de maneira fidedigna sua realidade vivencial. Isso causa uma mai-
11 or integração entre leitor e personagem, que culmina na identificação de
12 uma realidade que não é a de quem lê, e, por sua vez, que faz parte de
13 uma cultura fronteiriça própria, diferente daquela da qual, muitas vezes,
14 o leitor participa. Essa integração faz com que o leitor integre a realidade
15 da obra de fronteira às suas próprias experiências pessoais.

16 Sobre a ideologia dominante, denominada de rede de poder, pode-
17 se destacar que para Michel Foucault (1993) não existe no singular, mas
18 muitos poderes ou formas de dominação, que são sempre locais e regio-
19 nais. Possuem sua própria modalidade de funcionamento e são todas
20 formas heterogêneas de poder. Isto é, o poder não se exerce territorial-
21 mente só de cima para baixo, dos altos escalões territoriais para baixo,
22 mas a estrutura do poder baseia-se também no poder que emana dos es-
23 calões inferiores.

24 Consequentemente, poderíamos afirmar que, na visão desse autor,
25 o poder, na literatura fronteiriça, poderia ser também heterogêneo. Rati-
26 fica Luis Manuel da Silva Lavoura (2009) que o poder circula, não é lo-
27 calizado em lado algum, exerce-se plenamente em rede.

28 Coincide destacar que

29 o poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas. O
30 território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar
31 de todas as relações. O território é um trunfo particular, recurso e entreve,
32 continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. (RAFFESTIN, 1993, p. 58)

33 É, por isso, o poder exercido por pessoas ou grupos, que define
34 um território. Percebe-se que para Claude Raffestin, território e poder es-
35 tão simetricamente relacionados. Assim, o sentimento nacionalista de
36 fronteira deve ser analisado paralelamente ao processo de territorializa-
37 ção proposto por Claude Raffestin que não se restringe apenas à apropria-
38 ção física, material, mas também imaterial ou simbólica: “a imagem ou
39 modelo, ou melhor, toda construção da realidade, a representação sobre o

1 território, é um instrumento de poder e isso desde as origens do homem”.
2 (RAFFESTIN, 1993. p. 145)

3 De qualquer modo, abordar literatura de fronteira, em especial a
4 literatura desta fronteira Brasil-Bolívia, é expressar-se em estudos identi-
5 tários, frutos de fluxos constantes que as atravessam, para desvendar as
6 personagens, muitas vezes, derivadas de conflitos de classe, e de tensões
7 étnicas; presentes no território latino.

8 Certo é que as fronteiras e os limites entre o saber contido na lite-
9 ratura de fronteira, em suas relações com as teorias disponíveis e aquelas
10 a serem ainda pensadas, não deixam de ser circunscritos pela velha rela-
11 ção entre as correntes textualistas e as influências contextuais percebidas
12 no âmbito de uma obra literária. Ainda assim, no caso da produção ficci-
13 onal produzida nesta zona fronteiriça, convém destacar alguns aspectos
14 relevantes, que lhes são peculiares.

15 Desse jeito, em um primeiro momento, percebe-se que os estudos
16 que relacionam a literatura fronteiriça Brasil-Bolívia devem ser nortea-
17 dos por duas concepções: a da história cultural e da história social de ca-
18 da região. Agora, vale, aqui, salientar que não se trata de analisar as
19 obras com visão totalmente histórica, afinal, o discurso histórico produz
20 interpretações das informações ou conhecimento do passado que dão tra-
21 tamento narrativo ao fato para que se percebam seus referentes como fe-
22 nômenos distintivamente "históricos".

23 Finalmente, de acordo Benedetto Croce *apud* Paul Sutermeister
24 (2009), onde não há narrativa, não existe discurso distintivamente histó-
25 rico. Não obstante, deve-se recorrer à história com o intuito de compre-
26 ender a realidade em que os autores fronteiriços estão incluídos e, poste-
27 riormente, analisar com base nas teorias da literatura.

28

29 2. *Literatura, identidade nacional e patriotismo*

30 2.1. A fronteira brasileira

31 Pensar a formação da identidade nacional na literatura fronteiriça
32 com os mesmos critérios que explicam a formação da literatura nacional
33 ajuda a explicar o sentimento de “missão” que marca desde os primeiros
34 autores até os mais modernos (SILVA, 2007, p. 121), visto que, o nacio-
35 nalismo crítico, desde o início da literatura brasileira, constituiu fator de

1 eficácia estética e, para crítica, foi recurso ideológico compreensível em
2 uma “fase de construção e auto definição” (CANDIDO, 1981).

3 Procura-se, logo, uma análise literária fronteiriça, desde uma re-
4 flexão na questão do nativismo, sentimento de amor pelo país, do patrio-
5 tismo, o amor pela nação, a partir dos habilidosos artistas do verso me-
6 morialista, de um passado histórico, dos nacionalistas regionalistas, da
7 exaltação da natureza pátria, até os neonacionalistas, em suas múltiplas
8 facetas, repletos de coloquialidades desarticuladas, sem arcaísmos, sem
9 erudições, que refletem esse espírito nacional de fronteira.

10 Desta forma, a literatura da fronteira brasileira se apresenta, pelo
11 nativismo, o sentimento de amor pelo país, feito pela exaltação da natu-
12 reza pátria, como em Alexandre Pedro de Medeiros (1967) “e Corumbá
13 surgiu, por sobre a terra branca... entre o verde dos montes, no alto da
14 barranca...”, e como em D. Aquino Corrêa (1917) “Corumbá... a deusa
15 Vênus... flor do lindo Pantanal bravio, tão bela és tu que o teu selvagem
16 rio... dá longas voltas, por que, ao menos, possa contemplar teu mimoso
17 casario...”, associado ao próprio patriotismo, amor pela nação, por meio
18 dos artistas memorialistas, dos regionalistas, como em Carlos Vandoni de
19 Barros (1934) “Um pedaço de chão agreste e altivo, neste extremo da Pá-
20 tria soberana, assim és, Corumbá, qual marco vivo, consciente da missão,
21 honrosa e ufana!”, como em José de Mesquita (1919). “Dois anos de tris-
22 teza e de opróbrio curtira a infeliz Corumbá, em poder do estrangeiro”,
23 como em Renato Báez, este que, distante de poeta e ensaísta, destacou-se
24 como grande historiador, com inúmeras obras publicadas, inclusive, de
25 outros autores da região, até os supracitados, ou como em Otávio Gon-
26 çalves Gomes, poeta panteísta, divulgador dos guaicurus, e sua obra
27 “Onde Cantam as Seriemas”, até os neonacionalistas, que, paradoxal-
28 mente, ofuscam e refletem profundas crises sociais, financeiras e econô-
29 micas e, repletos de coloquialidades desarticuladas, sem arcaísmos, sem
30 erudições, como Ulisses Serra em “Camalotes e Guavirais”, Lobivar Ma-
31 tos em “*Sarobá*” e “*Areôtorare*”, e em Manoel de Barros, um dos prin-
32 cipais poetas contemporâneos da fronteira brasileira sul-mato-grossense,
33 que juntos refletem a montanha de preconceitos arcaicosos no âmbito
34 desse espírito nacional de fronteira.

35 Nesta ocasião uma poesia tipicamente modernista, com linguagem
36 simples e de fácil compreensão, sem métricas, sem rimas, sem exalta-
37 ções, ora pela própria desconstrução da linguagem, do niilismo, e da des-
38 contextualização, características da poesia pós-moderna e que significam
39 revolução, corte, ruptura, reflexo de um mundo em caos, ou seja, a redu-

1 ção de tudo a nada, numa descrença absoluta, a literatura desta fronteira
2 segue tecendo marcas peculiares que refletem sua identidade nacional
3 fronteiriça.

4 Desse jeito, por meio do estudo desse território, lugar de todas as
5 relações, e, é claro, das territorialidades, surge à compreensão do senti-
6 mento nacionalista de fronteira que, por sua vez, é gênese da essência li-
7 terária nacional fronteiriça, incorporada ao localismo, economia, política,
8 etnia e cultura.

9 Condiz destacar que este artigo se propõe a um estudo referente à
10 conformação de identidades fronteiriças, frutos de multiculturalismo e
11 transnacionalização, alimentada dos fluxos migratórios constantes que
12 atravessam essa fronteira e seus reflexos na literatura.

13 A zona fronteiriça se caracteriza por uma mescla de culturas e de
14 identidades. “*La frontera es una gramática abierta, um texto inconcluso*
15 *que se elabora desde múltiples miradas y acepta muchas lecturas*” (AR-
16 CE, 2000). É uma porta de vai-e-vem, e como tal nunca está escancarada,
17 nem nunca está fechada. (SANTOS, 1994)

18 Assim, é necessário ler as narrativas poéticas da literatura de fron-
19 teira conferindo a devida atenção à oposição entre seu plano de conteúdo,
20 que está relacionado aos valores histórico-social devidamente figurativi-
21 zado e tematizado, e seu plano de expressão, que se relaciona à realiza-
22 ção estética, atentando à utilização estratégica dos recursos que irão pro-
23 duzir os efeitos de sentido desejado pelos autores fronteiriços.

24

25 3. *Literatura, panorama histórico, um breve relato da América Lati-* 26 *na*

27 3.1. **A fronteira boliviana contextualizada**

28 Em relação à literatura da fronteira boliviana, não se deve
29 delimitar ao departamento de Santa Cruz, apenas pelas cidades de Puerto
30 Suarez e Puerto Quijarro, pois, apesar de serem ricas em cultura, pouco
31 se pode encontrar em literatura escrita. As tradições são preservadas, em
32 parte, pela tradição oral.

33 Aqui se confirma à dificuldade histórica em adentrar nos estudos
34 literários da região. Não obstante, sabe-se que ela se originou,
35 verdadeiramente, pela “*Guerra del Chaco*” (1932-1935), e pela Revolu-
36 ção de 1952 que destacaram aspectos particulares no indigenismo local.

1 Assim, teve seu maior desenvolvimento no último século, conforme
2 afirma Gabriel René Moreno, importante crítico literário boliviano, que
3 registra ser “*a partir la Guerra que se produce um movimento cultural*
4 *generalizado*”.

5 [...] la producción literaria de Bolivia es muy reciente, si consideramos que es
6 a partir de la Guerra del Chaco que se produce um movimento cultural genera-
7 lizado, que se traduce por uma obra no solamente abundante, sino mejor inser-
8 ta em la problematica social y política del país. (MORENO, 1864, p. 177)

9 Entretanto, até o fim do século XIX, a literatura boliviana se redu-
10 zia a alguns ensaios escritos, em sua maioria, escritos “*por los hombres*
11 *de estado*”. Além disso, na Bolívia, o acesso à educação escolar sempre
12 foi privilégio dos “*blancos*”, ou quando muito, dos “*cholos*”, ficando a
13 maior parte da população, os índios, excluídos do sistema escolar. Pron-
14 tamente, não se poderia esperar que a literatura tivesse grandes manifes-
15 tações fora dos círculos do poder.

16 Assim, entre as obras de autores bolivianos, entretanto, destaca-
17 mos “*Juan de la Rosa. Memoria del último soldado de la independen-*
18 *cia*” de Nataniel Aguirre, grande escritor de novelas históricas, que tem
19 por tema “*las guerras de la Independencia*”, e apresenta-se, então, como
20 um relato testemunhal. Seguidamente, salientaremos “*Raza de Bronce*”,
21 um “alegato” realista, sem lugar para idealizações e eufemismos, em fa-
22 vor do índio explorado e reprimido pelos latifundiários, no qual apresen-
23 tam vocábulos de origem aimará, posteriormente explicitados na própria
24 obra, e “*Pueblo Enfermo*” obra que atribui ao mestiço à culpa de todos os
25 males do país, ambas de Alcides Arguedas. Salienta-se que os ideais bo-
26 livarianos de unidade continental aparecem reafirmados como devaneios
27 oníricos, pois esse ódio ao mestiço, “*usurpador de los privilegios*”, tam-
28 bém é encontrado em outros autores indigenistas bolivianos, admiradores
29 de “*la pureza de la raza*”.

30 Percebe-se que essas obras refletem o desejo dos autores boliviana-
31 nos de conduzir os leitores a um plano extraliterário, camuflando a recri-
32 ação e a interpretação muito particular desse universo desigual. A denún-
33 cia da exploração dos índios, no campo literário fronteiriço da Bolívia,
34 expõe uma fermentação social profunda ao mesmo tempo em que ajuda a
35 repensar movimentos e lutas sociais, ou seja, os problemas humanos dos
36 grupos desprotegidos.

37 Desta maneira, a linguagem usada nas obras é um elemento im-
38 portante na tentativa de apreensão da realidade. Em grande parte das nar-
39 rativas, utiliza-se a linguagem que mais se aproxima da falada pelas ca-

1 madas médias e populares e que se afasta do formal, em busca daquela
2 que representa com fidelidade a índole mais profunda.

3 4 **4. O panorama da semiótica da literatura de fronteira.**

5 **4.1. Brasil e América Latina: fatos políticos, históricos e cultu-** 6 **rais**

7 Sabe-se que as imagens e os símbolos, ao longo da história, têm
8 exercido um papel fundamental na vida do homem, haja vista que lhe
9 possibilita expressar-se de forma racional ou através do inconsciente. “O
10 símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos que fi-
11 cou na memória que desafia qualquer outro meio de conhecimento”
12 (ELIADE, 1996). Em relação às obras fronteiriças Brasil-Bolívia, não é
13 diferente, estas também são carregadas de símbolos e imagens a fim de
14 reconstituir a história de região. Além de enriquecer, estilisticamente, a
15 narrativa de fronteira, com uso de tais elementos simbólicos, a obra refle-
16 te a notabilidade de criação artística inovadora.

17 Assim, a criação artística fronteiriça, evidenciada tanto na forma
18 de articular as palavras, renovando a linguagem, lançando neologismos,
19 incluindo outras línguas, inclusive indígenas, em seus textos, como na
20 maneira de ultrapassar o mundo utilitário, e adentrar ao mundo do “ma-
21 ravilhoso” e da magia, revela as identidades nacionais, ao mesmo tempo
22 em que rememora entidades e fatos políticos, históricos e culturais.

23 Sabe-se que em Algirdas Julien Greimas (1973), o signo não é de-
24 finido como tal, ou seja, ele não apresenta nenhuma terminologia que
25 possa representar o conjunto das significações, como fizeram Ferdinand
26 de Saussure, Charles Sanders Peirce, Francisco da Silva Borba ou Mi-
27 khail Bakhtin. Mas, apesar de não apresentar um “rótulo” para designar o
28 significante e o significado, criados por Ferdinand de Saussure e aperfei-
29 çoados pelos semiotistas ulteriores a ele, Algirdas Julien Greimas colo-
30 ca duas terminologias, dentro de um conjunto abstrato, quando pressupõe
31 a inexistência de um sem o outro.

32 Portanto, se o significado não é possível sem o significante, eles
33 se “inter-relacionam”, completam-se. Percebe-se em Algirdas Julien
34 Greimas uma manifestação figurativa e uma não figurativa, esboçando a
35 diferenciação entre tematização e figurativização. A diferença entre as
36 duas, para ele, reside no fato de que o não figurativo é considerado abs-
37 trato e definido por sua baixa densidade sêmica, enquanto o figurativo é

1 concreto e definido por uma densidade sêmica maior. Aponta-se, então,
2 para o fato de que concreto poderia ser o semema cujos “semas a partir
3 dos quais a denominação se constrói dependem do mundo das qualidades
4 sensíveis”.

5 Para Algirdas Julien Greimas, há duas classes de textos: os figura-
6 tivos e os não figurativos. Exemplifica-se esse fato dizendo que a poesia
7 forma a forma figurativa, enquanto as teorias estéticas manifestam-se de
8 maneira não figurativa.

9 Após esses esclarecimentos, pode-se compreender que analisar as
10 ficções fronteiriças é, antes de qualquer coisa, desvendar o figurativo.
11 Mas, as teorias de Mikhail Bakhtin é que nos possibilitam reconstituir
12 concepções literárias a partir de uma visão totalizante da realidade, com-
13 prendendo o sujeito como um conjunto de relações sócio históricas,
14 considerando que, nessas regiões fronteiriças, a linguagem literária pos-
15 sui infinitas possibilidades, o que na reflexão bakhtiniana, refletem os di-
16 ferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, e uma
17 sociedade.

18 Para Mikhail Bakhtin, a consciência, então, é engendrada pelas
19 relações que os homens estabelecem entre si no meio social através da
20 mediação da linguagem (BLANCK, 1996). Mikhail Bakhtin, ainda, de-
21 senha uma sociologia do discurso, chamando a atenção para o fato de que
22 o discurso verbal, em qualquer esfera da vida, não pode ser compreendi-
23 do fora da situação social que o engendra, não existindo isoladamente na
24 medida em que participa do fluxo social em um constante processo de in-
25 teração e troca com outras formas de comunicação. (BRANDÃO, 1997)

26 É inegável que, os caminhos da análise das práticas de linguagem
27 fronteiriça refletem, num ir e vir entre discursos artísticos e cotidianos, a
28 história, a cultura, a vida e o conhecimento compartilhado dos participan-
29 tes, e dos contextos sociais nos quais estão inseridos, suas construções
30 identitárias situadas sócio-historicamente no universo da fronteira. Desta
31 maneira, os literatas nacionalistas brasileiros realçam o tamanho e a bele-
32 za do território, o desenvolvimento econômico do país comparado com
33 os outros países vizinhos, e o privilégio desse fato.

34 Todavia, passam a fazer “germinar”, nas obras, estrangeiros deca-
35 dentes, bêbados, prostitutas, maltrapilhos e loucos, como o lunático Má-
36 rio-pega-sapo, “habitante de uma draga abandonada à beira do rio”, pre-
37 sença constante nas obras manoelinas. Também presentificam as obras
38 de autores fronteiriços, as Lavadeiras, mulheres conformadas, que apa-

1 nham dos maridos, dos vagabundos, que bebem cachaça nos boliches e,
2 espancam seus filhos, ou ainda, o Pequeno Engraxate risonho das mãozi-
3 nhas pretas por trabalhar bastante pra ganhar dinheiro, personagens lobi-
4 varianas, ambos grandes autores da fronteira brasileira.

5 Desta maneira, mergulhar nesse estudo semiótico é poder desven-
6 dar os “pobres-diabos”, personagens como Bola Sete, Maria-pelego-preto
7 etc. “Todos bêbados ou bocós”, nos quais os autores expressam toda sua
8 identidade nacional.

9

10 5. *Considerações finais*

11 Em vista disso, é importante dizer que é na história da existência
12 humana, repleta de símbolos, que o autor fronteiroço expressa suas ima-
13 gens, que, muitas vezes, substituem as palavras ou dão-lhe outros senti-
14 dos, falam mais alto, representam muito mais do que a personagem e re-
15 presentam sua própria identidade por meio da palavra.

16 Deve, o leitor, então, analisar as imagens, os símbolos e suas re-
17 presentações através dos personagens, revelando suas identidades fron-
18 teiriças, relacionando-os aos fatos ocorridos na história da região. Mesmo
19 assim, salientamos, aqui, que essas reflexões iniciais, ainda que embrio-
20 nárias, e visam a retratar paradoxos e encontros característicos da evolu-
21 ção semiótica da literária nesta fronteira, tendo como base o estudo de
22 signos específicos, América Latina em questão.

23 Considera que as fronteiras entre países são espaços de trocas e de
24 fragmentações culturais e a orientação axiológica do escritor determina o
25 seu *corpus* literário. A semiótica do grego *semeiotiké*, arte dos sinais: ci-
26 ência dos signos e da semiose, quer dizer, do processo de significação na
27 natureza e na cultura, aqui, nos ajuda ao estudo das representações das
28 coisas e seres do mundo presentes na mente do autor de fronteira, auxili-
29 ando-nos a, assim, a interpretar as personagens, as mensagens e os obje-
30 tos.

31 Ainda assim, compreender o alcance literário fronteiroço é ir mais
32 além, e perceber os enredos literários da diferença e na diferença fronte-
33 riça, o que, certamente, podem ser uma das chaves para se desvendar o
34 universo literário da fronteira Brasil-Bolívia, ou seja, a gênese literária
35 nacionalista de ambas.

36

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1
- 2 ARCE, José Manuel Valenzuela. Al otro lado de la línea. Representaciones socioculturales en las narrativas sobre la frontera México-Estados Unidos. *Revista Mexicana de Sociología*, México, vol. 62, n. 02, p. 125-149. abr./jun.2000
- 3
- 4
- 5
- 6 BÁEZ, Renato. *Corumbá: figuras e fatos*. Bauru: Tip. e Liv. Brasil, 1964.
- 7
- 8 BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- 9
- 10 BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio: Civilização Brasileira, 1990.
- 11
- 12 _____. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- 13 _____. *Memórias Inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- 14 BLANCK, Guillermo. Vygotsky: o homem e sua causa. In: MOLL, Luis C. (Org). *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- 15
- 16
- 17 BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Escrita, leitura, dialogicidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- 18
- 19
- 20 CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 24, n. 09, p. 803-809, 1972.
- 21
- 22 _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- 23
- 24 ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Fontes, 1996.
- 25
- 26 FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007 [1979].
- 27
- 28 LAVOURA, Luis Manuel da Silva. *Poder e subjetivação segundo Foucault e Deleuze*. 2009. (Dissertação de Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea). – Faculdade de Letras/Universidade do Porto.
- 29
- 30
- 31 MATOS, Lobivar. *Areôtorare poemas boróros*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- 32
- 33 _____. *Sarobá: poemas*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.

- 1 MORENO, Gabriel René. *Introducción al estudio de los poetas boliviana-*
2 *nos*. Santa Cruz de la Sierra: [s.n.e.], 1864.
- 3 RAFFESTIN, Claude. *Por una geografía do poder*. São Paulo: Ática,
4 1993.
- 5 SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de
6 fronteira. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, vol.
7 5, n. 1-2, p. 31-52, 1994.
- 8 SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. 2. ed. Campo Grande: Tribunal
9 de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989.
- 10 SILVA, Rosana Rodrigues da. A poesia mato-grossense na mira do his-
11 toriador, crítico e poeta Rubens de Mendonça. *Terra roxa e outras terras*
12 – *Revista de Estudos Literários*, vol. 9, p. 117-124, 2007. Disponível em:
13 <[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24806/1](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24806/18187)
14 [8187](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24806/18187)>.
- 15 SUTERMEISTER, Paul. A meta-história de Hayden White: uma crítica
16 construtiva à “ciência” histórica. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n.
17 97, p. 43-48, jun.2009. Disponível em:
18 <[http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7102/4141)
19 [102/4141](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7102/4141)>. Acesso em: 17-09-2010.